

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

UM FATOR VELADO NOS TRIUNFOS DE AUGUSTO*

Otoniel MOTA

No ano 45 antes da era cristã, uma tragédia desenrolada em Roma com o assassinio de Cesar fez surgir no limiar da história uma criança para dominar o mundo. Aberto o testamento de Cesar, viu-se que ele fazia seu herdeiro ao sobrinho Otávio, conferindo-lhe até o próprio nome.

Que havia de extraordinário nessa criança para que ela viesse a ascender tão alto, aureolando-se de glória incomparável? Que dons pessoais, divinos e irresistíveis impeliram esse adolescente de dezoito anos a varrer todas as dificuldades que se amontoavam diante de seus passos, a impôr-se de vitória em vitória, até galgar o fastígio do Olimpo?

Numa carta endereçada a Otávio, atribuída a Cícero, mas evidentemente espúria - ainda que valiosa como documento histórico, pois deve ter sido escrita em dias do imperador - põe-se na boca do grande orador romano uma invocação aos maiores da República, já falecidos, para que contemplassem a sorte de Roma, entregue a uma criança de dezessete anos.

(*) Figura exponencial da cultura literária, histórica e religiosa de nossa terra, Otoniel Mota (1878-1951) é nome bastante vinculado a Campinas, pois em nossa cidade residiu por muitos anos, como pastor da Igreja Presbiteriana Independente e professor de nosso tradicional "Ginásio do Estado". No ano em que se comemorou o bimilenário de Augusto (1938), o criador do Império Romano, teve oportunidade de proferir na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no dia 23 de abril daquele ano, a notável conferência que aqui se transcreve, publicada originalmente, dias depois, pelo jornal "O Estado de S. Paulo".

É de fato coisa para fazer pensar uma carreira tão larga, tão segura, tão gloriosa, encetada pelo rapazinho que empolgou o mundo. E é tanto mais para admirar, quanto é certo que tudo parecia decretar o insucesso do jovem, quando encaramos as coisas pelo prisma da simples possibilidade humana. É o que vamos ver.

Pela sua linha paterna, era de origem plebéia, embora fosse de boa casta e o pai conseguisse galgar a posição de pretor. Antônio e outros seus desafetos lançavam-lhe em rosto a origem obscura: chamavam-lhe descendente de liberto, de padeiro, de cordoeiro, de perfumador e cambista. Cássio de Parma, segundo Suetônio, escreveu em uma de suas cartas: “Tua farinha materna (isto é tua avó) procede do mais grosseiro moinho de Arícia e foi um cambista de Néruium quem a amassou com as mãos enegrecidas ao contato com o dinheiro”.

Ascendentes endinheirados, mas sem distinção social, é o que daí se depreende. E quanto aos ascendentes mais próximos, parece que o próprio dinheiro devia ser escasso, se é exato o que nos diz Suetônio acerca da casinha em que Augusto viveu e nasceu, tal como vizinhos lhe mostravam. “Mostra-se ainda hoje - diz ele - a casa em que foi criado numas terras que a família possuía às portas de Velitras. É de todo modesta e semelhante a um celeiro. Os da região acreditam mesmo ter ele nascido ali”. Não sei como isto se harmonize com o testemunho de Velleius Paterculus a respeito da fortuna de Gaius Octavius, pai de Augusto. Nobreza mais castiça lhe vinha do lado materno, de Atia, filha do senador Marcus Atius Balbus e de Júlia, irmã de Cesar.

Pequenos traços deixados por historiadores latinos levam-nos a enxergar nos hábitos de Augusto a confirmação de sua origem modesta: a repugnância ao luxo e ao fausto, a simplicidade de seus móveis e de suas habitações, a sua alimentação, frugal como a dos campônios. Mandou arrasar um palacete marmóreo de sua filha Júlia, por lhe não suportar os hábitos suntuários. Escrevia em ortografia fonética, no que, aliás, revelava, como em tudo o mais, o seu reconhecido bom senso... Empregava, no falar, formas populares. No meu pequeno livro **O meu idioma**, estudando a forma “semos”, empregada pelo nosso caboclo em vez de “somos”, tratei de mostrar que não precisamos explicá-la por um caso dialetal da nossa língua, mas sim da língua latina, porque, segundo Suetônio, já Augusto empregava “simus pro sumus”.

Nosso caboclo, pois, está em boa companhia, se é que as companhias, por serem augustas, são, “ipso facto”, boas. Tenho cá minhas lembranças de que às vezes são ruinzinhas...

Até as suas superstições têm cheiro popular, se bem que as superstições por vezes se aninhem nos espíritos mais cultos e nas camadas sociais mais brilhantes... pelo ouro e pelas jóias. Os enciclopedistas franceses são um exemplo. Diderot, se não me engano, tremia mais à visão de uma simples aranha do que o elefante ao grunhir de um porco. E quanta dama nesta cidade não mandará parar a sua Lincoln faiscante, para apanhar na rua uma sórdida ferradura que o próprio cavalo desprezaria por imprestável...

Augusto, se acaso, ao erguer-se do leito, acontecia meter o pé direito no chinelo esquerdo, via nessa casualidade a prova inconcussa de um dia aziago. Também aqui não está só. Tremia, com pânico pavor, ao ribombo do trovão, e para se livrar da tempestade, levava sempre consigo um couro de foca que o abrigasse, em lugar da palma benta.

Tendo perdido o pai aos quatro anos de idade tão somente, foi criado pela mãe, Atia, e pela avó Júlia; e todos nós sabemos que a perda precoce do pai e a criação à barra da saia, com exclusiva influência feminina, produz em geral seres tímidos, sem iniciativa.

Nunca se revelou uma inteligência criadora. Recebendo, é certo que incompletamente, a educação do tempo, nunca se salientou nas letras, nada escreveu que ficasse fulgindo na história, à semelhança dos escritos do tio, de quem ele herdou tudo, menos isso que, graças a Deus, o homem não dá, mas também não tira: a capacidade divina da criação, o talento literário. Tentou escrever um poema, “Ajax”, o herói que se precipitou sobre a espada pondo termo à vida. Teve o bom senso de apagá-lo, e quando lhe perguntavam pelo seu “Ajax”, respondia, jocosamente, que se precipitara numa esponja.

Sua saúde - apesar de ter vivido setenta e seis anos - foi sempre mui precária. Na infância, a mãe e a avó freqüentemente o mandavam para o campo a fortalecer o físico ameaçado, o que devia ter sido em detrimento da instrução. Sofria de cálculos biliares, tinha o ventre mosqueado, as pernas vacilantes, a reclamarem aparelhos que lhe garantissem a marcha.

Assim, pois, nunca foi, nem poderia ser, um tipo de soldado, à guisa do tio, que, de espada a lampear na dextra, a cabeça à vela em desafio à canícula mais rigorosa, marchava à frente de suas tropas, léguas e léguas, com uma resistência física inacreditável.

Achacado na véspera da batalha de Filipos, não pôde nela tomar parte pessoal, nem participar diretamente das glórias de que se cobriu Antônio.

Eis aí o mancebo que, aos dezoito anos, achando-se em Apolônia, no Epiro, a completar os seus estudos, recebeu a notícia da tragédia que extinguiu a Cesar, e partiu para iniciar a sua carreira iluminosa. Pouco mais de um mês depois, ei-lo em Roma. Vacila sobre se deve aceitar o ônus tremendo que o esmagava. Nada mais natural. A mãe e o padrasto - Atia havia contraído segundas núpcias com Felipe - procuram demovê-lo, como era curial, de uma tal responsabilidade. Agripa, seu amigo, então se lhe aproxima e fá-lo resoluto, impele-o a aceitar a herança formidável.

Quem era esse Agripa? O mesmo que iria ser mais tarde o almirante glorioso da batalha de Actium. Era um colega que em Apolônia também cursava as aulas de Apolodoro de Pérgamo, o retórico. Era igualmente uma criança de dezoito anos, mas o busto que a arqueologia nos pôs sob os olhos, nos revela os traços inconfundíveis de uma personalidade marcadamente varonil. Eis o seu primeiro auxiliar, que o será em tudo dali por diante.

Não sabemos se, nesses primeiros passos arriscadíssimos de Augusto, o espírito efeminado de Mecenas assumiu alguma posição decidida, pondo-se desde logo ao lado do mancebo. mas admitamos que sim. Se, como alguns supõem, Mecenas também nascera no ano 63, teria Augusto um terceiro colaborador de dezoito anos! Uma criança a tomar conta de Roma e do mundo, num momento de excepcional gravidade.

Os veteranos, como Cícero, seus contrários, foram mortos, banidos ou sufocados pelo triunvirato.

Dir-se-á que o adolescente Otávio tinha atrás de si o exemplo do tio e não lhe restava senão seguir-lhe as pegadas. Não lhe era pouco prosseguir na rota traçada pelo gênio de Cesar; seria mesmo coisa

extraordinária, para uma criança que parecia ter contra si tantas inferioridades e desvantagens na vida, tantas lacunas para a tarefa ingente que o destino lhe havia reservado. Mas acresce que o jovem não ia “seguir” o sulco traçado por seu tio e prolongá-lo na carreira política encetada; o seu plano, de início, foi contrariar a política de Cesar. A de Cesar tinha sido conquistar; a de Augusto era conservar e pacificar. Tocava-lhe, ainda, erguer um mundo novo sobre os escombros e as cinzas deixadas pelas guerras civis que asolaram a pátria. A agricultura, a economia nacional, a vida social, o problema do exército e da marinha, a família, tudo afinal estava a pedir reconstrução ou a criação de instituições adaptadas à nova ordem de coisas.

E o rapazello empunha as rédeas do poder com mão de ferro e marcha sem vacilar no desempenho da excelsa missão que lhe incumbia realizar na pátria. Ele não atribue senão a si mesmo esse prodígio que nos enche de admiração. “Aquela alma divina - diz Velleius Paterculus - preferia uma elevação perigosa a uma segurança sem glória”.

Em seu testamento, Augusto se reporta orgulhoso a este início de glória. “Aos dezenove anos - diz ele - sem outro conselho que o meu e com os meus próprios recursos, ergui um exército com o qual dei a liberdade à República oprimida sob a tirania de uma facção”.

“Sem outro conselho que o meu”, diz ele; mas, seria mesmo assim? Aqui principia a tese que temerariamente procurarei defender nesta conferência: a existência de um “fator velado nos triunfos de Augusto”. Vamos indagar se atrás da cortina acaso não se oculta uma inteligência mais poderosa que a de Augusto, uma cultura mais sólida, uma experiência mais curtida e madura, a temperar os arroubos do jovem e empunhar o timão nos momentos agudos, em que a adolescência, em regra, se desorienta, se transvia e sossobra.

Ouvi-me com paciência na aparente digressão com que vou iniciar nossa pesquisa, para a qual fui arrastado quase que pela casualidade, visto que não me consagro a estudos históricos nem teria em São Paulo manancial abundante para informação.

Se vos puserdes a ler com atenção as obras de Sêneca, o filósofo, e se conheceis suficientemente no Novo Testamento, perceberéis facilmente, a cada passo, tão frisantes semelhanças, que não as podereis atribuir a simples coincidências. É forçoso admitir um ponto de contacto, próximo ou remoto, direto ou indireto, entre a mente do filósofo romano e o ambiente em que surgiu o Novo Testamento. E onde mais se tornam numerosas tais semelhanças é nas epístolas paulinas.

Não tenho tempo, nos limites desta conferência, para exemplificar, nem viria de molde a fazê-lo. Há toda uma literatura em línguas estrangeiras acerca deste fato.

A aproximação é tal, que escritores cristãos como Tertuliano chegam a denominar Sêneca “um dos nossos”. Pensou-se até em alguma convivência entre o filósofo e o apóstolo, pois que nasceram e morreram mais ou menos no mesmo tempo.

Lá pelo quarto século apareceu, mesmo, uma correspondência escrita entre os dois pensadores, correspondência, é claro, tão espúria como a céebre carta de Públio Lentulus acerca da pessoa física e moral de Cristo, documentos que ninguém mais pode tomar a sério em nossos dias.

A hipótese de relações travadas entre Sêneca e Paulo não é necessária, como vamos ver, mas não é impossível. Paulo tinha de ser, forçosamente, uma personalidade impressionadora aos intelectuais. Ora bem, quando, em viagem missionária, se viu envolvido em Corinto por um tumulto de judeus, foi levado ao tribunal de Galião, que era o procônsul da Acaia, e Galião era irmão de Sêneca. Não seria de estranhar que desse alguma notícia do apóstolo a seu irmão em Roma.

Quando Paulo vem preso para ser julgado em Roma, o prefeito da cidade, que o recebeu e alojou em “custodia libera”, era Burrus, amigo íntimo de Sêneca.

Mas pondo mesmo de lado esta hipótese, ainda assim o filósofo, curioso e indagador como era, bem poderia entrar em contacto com o pensamento cristão, uma vez que o cristianismo já se havia difundido tanto em Roma, que ia, dos escravos até às camadas altas, onde uma Pompônia Grecina nos surge para confirmar o que digo.

Preso em Roma, lá pelo ano 61, Paulo escreve a epístola aos Filipenses e fecha a missiva com as seguintes palavras: “Todos os santos vos saudam, especialmente os da casa de Cesar.

Era costume de Sêneca reunir os seus escravos e comer com eles para lhes conhecer as idéias e as tendências, e entre eles haveria cristãos, provavelmente.

Mas nada disto é preciso. O encontro se explica pela mentalidade oriental - e possivelmente judaica - impressa na mentalidade de Sêneca através da filosofia estoíca, a que ele pertencia. O estoicismo era uma filosofia de origem oriental e semítica. Zenão, seu fundador, nascido em Citium, colônia fenícia de Creta, era chamado "o fenício" e era provavelmente de sangue semita. O "habitat" do estoicismo foi especialmente Babilônia, Tiro, Sidon, Cartago, a Cilícia, a Frígia, Rodes. Nem um só estoíco de nomeada nasceu na Grécia propriamente, diz o ilustre bispo anglicano Lightfoot, a quem vamos seguindo neste momento.

O estoicismo foi um amálgama da consciência moral e religiosa do semita com o pensamento grego, de tendência materialista. Daí, as incongruências da escola, em que uma linguagem mística, à semelhança da dos profetas hebreus, veste, contudo, um fundo panteístico materialista. E daí a impossibilidade para o estoicismo de lutar vitoriosamente com a religião cristã. A miragem de água cristalina ia reduzir-se afinal a uma cisterna rota e seca, em que a alma não poderia dessedentar-se.

Se assim é, bem podemos ver como a linguagem, com que a escola revestiu o pensamento do filósofo romano, levaria esse pensamento a encontrar o do apóstolo, sem mais explicações.

Entretanto, podemos entreitar mais o círculo, se a vossa paciência não se esgota com a minha aparente digressão.

Abrindo o tratado de Sêneca **De tranquillitate animae**, lá encontrareis mencionado o nome de um filósofo estoíco, Atenodoro, de Tarso, a cidade em que São Paulo nasceu. Antes do mais, cumpre desfazer para logo um engano em que vários autores têm caído: este Atenodoro não é para confundir-se com outro de igual nome, também de Tarso, também estoíco e preceptor de Catão.

Cícero, escrevendo da Ásia Menor a Appius Claudius, censor em Roma, no ano 51, pedia-lhe que prestasse atenção no que dizia Atenodoro, filho de Sandon, a respeito da nobreza. Isto prova duas

coisas: que Cícero, já maduro, com 54 anos, Cícero a mais brilhante mentalidade e cultura latinas, Cícero prezava a opinião do filósofo tarsiano; em secundo lugar, que as obras do filósofo já corriam na cidade de Roma, onde o censor as poderia consultar. Quereis saber agora que idade tinha Atenodoro nesse tempo? Vinte e três anos tão somente.

Mas que tem isso tudo com Augusto? - haveis de perguntar-me, e eu novamente vós peço que tenhais um pouco mais de paciência.

Quando Antônio se dirigiu para o Oriente, após a morte de Cesar, haveis de estar lembrados de que o célebre encontro que teve com a sedutora Cleópatra, foi na metrópole de Tarso, pátria de Atenodoro e de São Paulo.

Qualquer dicionário geográfico, digno deste nome, vos dirá a importância da capital ciliciana por aquele tempo, não só como cidade populosa e comercial, mas como centro de cultura. Só lhe eram rivais Atenas e Alexandria; mas naquela época Tarso se fizera o mais intenso foco de cultura helênica. A sua universidade irradiava pelo mundo todo - especialmente em Roma - a luz de um sólido saber.

Antônio, o soldado gozador e vicioso que a história nos apresenta, mais atleta que estadista, aliou-se em Tarso com um tal Boetos, aparentemente um judeu, "mau poeta e mau cidadão", como Estrabão o classificou, e entregou-lhe o governo da cidade. Boetos conseguiu esse prestígio graças a um poema que escreveu, cantando as glórias de Antônio na batalha de Filipos. De posse da metrópole, o poetastro reuniu para o auxiliar uma horda de verdadeiros "gangsters", que desorganizou e espoliou a cidade barbaramente.

Augusto, como era de esperar, tratou de pôr cobro àquele banditismo. A quem havia de confiar essa tarefa? Confiou-a ao mais ilustre dos tarsianos, a Atenodoro, que nessa ocasião contava quarenta e dois anos, pois a reforma se deu no ano 31 antes de Cristo.

Notai que o filósofo partiu de Roma para Tarso. Residia, pois, naqueles dias, podemos concluir, na capital romana. Para nos certificarmos disto ainda nos resta o testemunho de Cícero. Escrevendo, fora de Roma, ao seu amigo Ático, ali residente, pedia-lhe que instasse com Atenodoro para lhe entregar o resumo da filosofia de Possidônio, mestre do tarsiano, resumo de que ele necessitava para o tratado **De**

Officiis. E de fato, nesse tratado, no livro terceiro e capítulo segundo, encontrareis mencionado o nome de Possidônio.

A reforma executada por Atenodoro não foi somente profunda, mas original. Augusto, para isso, lhe havia dado carta branca. Estareis percebendo que a nossa canôa vai rumando para a tese. Para receber de Augusto esse poder ilimitado, numa reforma em que estava envolvida a própria concessão do direito, ciosamente zelado, de cidadão romano, devia esse homem ser extraordinário e credor da mais absoluta confiança do potentado. Creio que não estou forçando a nota nem pensareis que armo a efeito. Parece que a argumentação é lógica e psicológica.

Atenodoro aniquilou a Boetos e seus apaniguados. Procurou entregar a cidade aos elementos melhores e mais representativos. Concedeu o direito de cidadão romano aos homens mais conspícuos e de reais serviços à comunidade, porém - e aqui vai a novidade - somente a homens de fortuna, que pudessem manter o título sempre com brilho na sociedade, como o título de barão ou marquês em nossos dias.

Foi nessa ocasião que o pai do apóstolo São Paulo recebeu esse alto privilégio, que transmitiu ao filho; e é por isso que se conclui, legitimamente, que o apóstolo nasceu numa família abastada da próspera colônia hebréia, ali domiciliada. Tendo rompido com a família ao se tornar cristão, viu-se o rabino na contingência de se fazer tecelão dali por diante, e até de receber ofertas das igrejas para se manter no apostolado. Preso em Roma, no fim da vida, agradeceu ele as dádivas que enviaram os queridos filipenses: “Sei ainda viver na penúria, diz ele, e sei também viver na abundância, em tudo e em todas as coisas sei o que é ter fartura e ter fome, ter abundância e padecer necessidade. Tudo posso n’Aquele que me fortalece” (Fil. IV: 12-13).

Quando Atenodoro morreu, Paulo e Sêneca eram crianças de cinco anos mais ou menos. Nenhum deles, pois, foi discípulo pessoal do filósofo reformador. Mas a influência de Atenodoro ficou em Tarso e se projetava lá fora. Paulo não lhe poderia ser estranho. Quanto a Sêneca, temos o seu próprio testemunho. Eis o elo que prende os dois grandes pensadores. O estoicismo semítico, o ambiente de Tarso e Atenodoro explicam as coincidências de que tratamos.

Mas, Augusto? continuareis a perguntar. Aqui tocamos a meta da minha conferência, “o fator velado nos triunfos de Augusto”. E

por que é que lhe chamei “velado”? Porque os historiadores, em regra, ou não o mencionam ou a ele se referem de passagem sem lhe atribuírem a importância que se me afigura forçoso atribuir-lhe, se atentarmos mais de perto para algumas circunstâncias.

Se abrides a obra de Suetônio acerca de Augusto, não encontrareis a mais leve referência ao filósofo de Tarso. O historiador francês Léon Homo, em obra recentíssima intitulada **Auguste**, falando dos seus mestres, diz apenas: “Atenodoro de Tarso, que ele cercou de uma consideração toda particular”. Já nos diz alguma coisa, mas é muito pouco. Não nos diz onde foi que Augusto recebeu as suas lições, nem por quanto tempo, nem o que depois se seguiu. O fator começa a ser descoberto, mas ainda fica na penumbra. Procuremos cautelosamente descerrar mais o véu que nô-lo encobre.

Lecionava Atenodoro em Apolônia, no Epiro, quando ali chegou Augusto para completar os seus estudos, com dezoito anos. Isto foi apenas por seis meses, no outono do ano 45, o ano da tragédia em Roma, em que Cesar pereceu. Recebendo a nova desoladora, partiu Augusto para Roma, como atrás já se disse. Ora, por maior que fosse o prestígio de Atenodoro, por mais poderosa que fosse a fascinação por ele exercida sobre Augusto, poderia ser uma influência tão decisiva que transformasse, em tão pouco tempo, uma criança num adulto genial, que envereda, com incrível segurança, de vitória em vitória, á conquista do poder e do governo do mundo.

Tudo, porém, muda de figura quanto atentarmos para uma circunstância de capital importância, que os historiadores parecem desprezar, porque em regra silenciam, e daí o ficar “velado” aquilo que importa vir à tona: é o fato de que ao partir apressadamente de Apolônia para Roma, Augusto conduziu consigo a Atenodoro, “que por trinta anos lhe serviu em Roma de mentor seguro”.

Mentalidade e cultura incomparavelmente superiores às de Otaviano, o filósofo de Tarso era, além do mais, um caráter e um talento prático, organizador, como vimos, na admirável reforma de sua pátria. Era um estadista de descortino. Para provar o prestígio que ele exercia sobre Augusto, o desassombro com que o tratava, quando tudo em Roma tremia diante daquela suprema vontade. Dion Cássio, e mais amplamente Zonaras, nos contam o seguinte episódio.

Certa vez, indo Atenodoro a visitar um senador romano seu amigo, encontrou este e a esposa na maior das angústias. Perguntou a causa do desespero e soube que a liteira de Augusto ali estava à porta e uma ordem exigia a presença, em palácio, da ilustre dama romana. As intenções diabólicas de Augusto eram patentes, e não havia resistir. Atenodoro chamou a si a solução do lancinante problema. Muniu-se de um punhal, embuçou-se numa capa, entrou na liteira e esta rumou para o palácio. Ali chegando, os olhos cúpidos do déspota aguardavam a presa cobiçada, quando sai de sob a capa a figura do filósofo empunhando a arma perigosa. “Vê, lhe disse Atenodoro, não suceda que algum esposo em desespero lance mão deste estratagema para tirar-te a vida”.

Augusto não só se conservou calmo, mas ainda agradeceu ao filósofo a lição que lhe ministrava, prometendo mesmo, segundo nos diz La Grange, tradutor de Sêneca, ao comentar este passo de Zonaras, que dali por diante se tornaria “mais decente, mais circunspecto e sobretudo menos tirânico”. Não sei em que se funda La Grange e por isso passamos a dádiva com a devida reserva: “timeo danaos et dona ferentes”.

Não teve intermitências esse prestígio perante o autocrata romano. Quando, já aos sessenta anos, cansado e desejoso de repousar em sua pátria, Atenodoro foi despedir-se de Augusto, conhecendo-lhe o temperamento, proferiu aquelas palavras memoráveis que todos vós conheceis: “O’ Cesar, quando estiveres em cólera, não tomes resolução alguma sem primeiro repetires as vinte e quatro letras do alfabeto”. Augusto tomou-lhe as mãos comovido e disse-lhe - notai bem o que lhe disse - “Ainda preciso dos teus conselhos”. Instou com ele para que ficasse em Roma por mais tempo e ele acedeu por mais um ano.

Era o único ser em Roma que ousava desobedecer a Augusto, e isto sem se expor à força, à espada ou à cruz. Mais ainda: recebendo os agradecimentos do monarca. Só perante esse prestígio intelectual e moral se dobrava em Roma a vontade férrea do soberano divinizado. É-nos tão grata esta recordação, que não queremos apagar-lhe o gosto, e por isso fechamos esta singela conferência, mas convidando-vos a rezarmos juntos um credo reconfortante: “Creio e espero na supremacia do espírito!”.